MEMORANDO

O bairro do Alto da Cova da Moura situa-se na área oriental do concelho da Amadora, perto de Benfica. Ocupa uma área de cerca de 16,5 ha, situando-se num terreno com um declive acentuado e vistas desafogadas, com qualidade, que valorizam o bairro. O tecido urbano apresenta uma notória flexibilidade, resultante da contínua instalação dos seus habitantes e da sucessiva consolidação das estruturas urbanas, como se verifica ao nível da instalação de infra-estruturas de saneamento básico, arruamentos asfaltados, recolha de resíduos sólidos e iluminação de ruas, mas, também, de equipamentos colectivos. O bairro é administrativamente partilhado pela freguesia da Damaia e da Buraca, apesar de ser maioritariamente administrado por esta última freguesia. A oeste é limitado por edifícios, com vários pisos, de construção privada, estando a sua área exterior fisicamente separada da Cova da Moura através de uma vedação metálica. O restante bairro é circundado por vias rodoviárias de tráfego intenso, estando limitado a sul pelo início do IC19, a norte pela linha ferrovária de Sintra e, por fim, a leste pela Avenida da República.

Comparativamente a outras freguesias a Cova da Moura é constituída, na sua maioria, por uma população jovem. Aqui existe grande incidência de população activa entre os 25 e os 64 anos, o que pode ser uma mais valia para a dinamização da zona. Quanto à origem, mais de metade dos moradores são imigrantes. Aqui, a população é composta na sua maioria por cabo verdianos, existindo também imigrantes de Angola, Moçambique, Guiné e S.Tomé e Príncipe.. Este fenómeno dá-se devido à existência de alojamento mais acessível economicamente, mas também por causa da situação ilegal em que se encontram muitos imigrantes. Estes encontram estadia nas várias "casas de hóspedes informais" e a quartos arrendados no Bairro.

Verificamos, ainda, que a fixação de população na Cova da Moura se deu, pela primeira vez, com maior expressão a partir de 1975, o que coincide com o final do Estado Novo e a fuga das ex-colónias. Após este período a sua ocupação foi constante até ao ano de 1995, quando se deu uma maior taxa de fixação, constante até ao ano do presente estudo.

MARTINS

Durante 30 anos, a Cova da Moura, constituiu-se como um bloqueio, impedindo a livre circulação entre todo o território da Amadora. Desfazermo-nos deste obstáculo, permite a emergência de um potencial latente; proporciona a oportunidade de criar uma verdadeira miscigenação de comunidades que até agora se mantiveram isoladas; voltar a conectar a cidade com este potencial pólo de atracção; e criar as bases para uma nova comunidade baseada não só no comercio, no turismo ou na nostalgia, mas também nas realidades da vida urbana do século XXI.

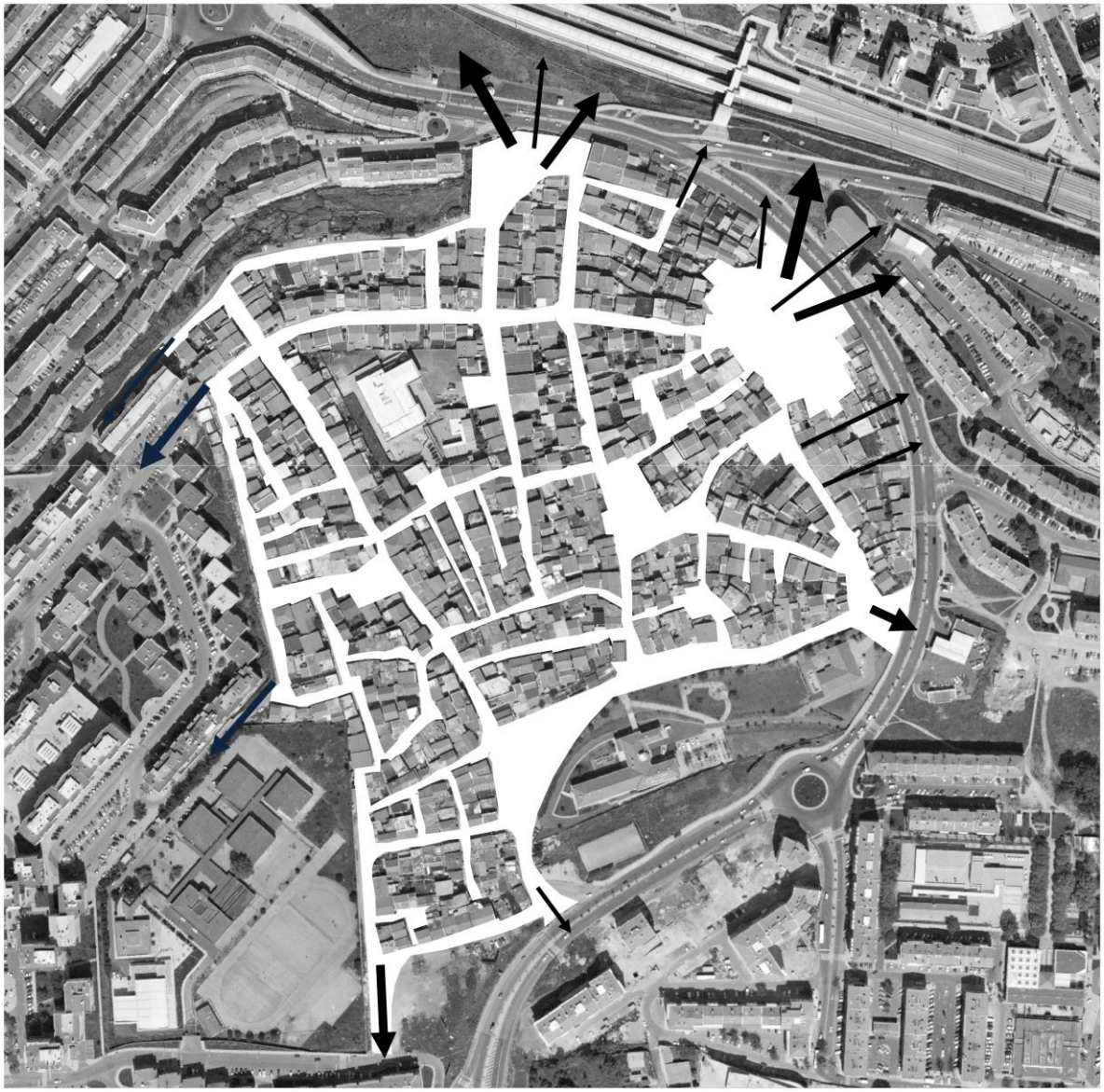
Nesta fase impõe-se a questão, demolir ou reabilitar? Será que devemos recorrer à tábua rasa? Ou devemos antes reabilitar o espaço existente?

Muitas vezes, o tipo de apropriação feita pelos ocupantes cria mais tensões do que a construção em si. Ao não propormos a demolição do bairro também não nos parece bem criar uma área apartada da envolvente, tal qual Disneyland, que apenas pretende o cenário, apoiado na multiculturalidade e exotismo e na sua atractividade para o exterior, e não a vivência permanente dos seus habitantes.

Fotomontagem realizada por: Frederico Dionísio

A nossa proposta de demolição dos bairros Estrela d'África e 6 de Maio é justificada pelas condições precárias em que vivem os seus habitantes. Pensamos que estes bairros, mesmo com uma reformulação, não permitem uma melhoria da qualidade de vida a quem os habita. Para além disto, o espaço que o bairro ocupa tem um grande potencial para o desenvolvimento de um novo centro para a Reboleira. Devido à sua proximidade da estação do comboio e atravessamento da linha férrea, este permite interligar um equipamento recentemente construído – a pista de ski, para além de alguns bairros habitacionais um pouco dispersos – com a nova proposta dos arquitectos Gonçalo Byrne e Norman Foster , para um terreno baldio na Falagueira. Esta ligação atravessa ainda a zona industrial que se encontra um pouco fechada.

No bairro da Cova da Moura encontramos uma situação diferente. Temos uma comunidade unida que pretende a reabilitação do bairro, uma construção resistente e alguma infra-estruturação e organização urbanística. Neste bairro abrem-se perspectivas para a sua integração na envolvente,



tanto ao nível do tecido urbano como ao nível social, na tentativa de melhorar não só a qualidade de vida dos seus habitantes bem como dos residentes à sua volta.

O bairro da Cova da Moura é composto pela diversidade inerente à liberdade dos seus moradores, irradiando a identidade do bairro e destacando-se no território. Apesar disso, devemos também referir que esta realidade espelha aspectos positivos e aspectos negativos.

Relativamente aos aspectos positivos devemos enquadrá-los em sete esferas que ocorrem numa relação encadeada. A primeira esfera trata-se de uma dimensão física e urbanística, onde salientamos o favorecimento do sistema de vistas e exposição solar, aliada à clara rede viária principal, geradora de tensões. A esfera seguinte leva-nos à articulação do bairro com o exterior, onde se distingue a proximidade com os concelhos da área metropolitana de Lisboa através das infra-estruturas presentes, que cultivam e potenciam o comércio e os serviços. Esta proximidade é também conseguida pelo trabalho realizado pelas associações locais, em cooperação com técnicos externos especializados nas áreas que denotam carências. A terceira esfera envolve a economia baseada no comércio de cultura local, essencialmente cabo-verdiana, sobretudo cabeleireiros e restaurantes, mas também hortas urbanas, passíveis de serem o sustento de alguns habitantes.

A quarta esfera enquadra-se na dimensão social, onde encontramos um forte sentido de comunidade alicerçado no espírito de mobilização dos moradores. A esfera cultural surge da simbiose entre a cultura portuguesa e a cultura africana, sobretudo de origem cabo-verdiana. Ora, esta interculturalidade é alcançada por meio de efemérides que divulgam a música, a dança, o artesanato, a gastronomia, entre outros. Estes eventos são também componentes de iniciativas com carácter de turismo étnico.

Fotomontagem realizada por: Frederico Dionísio

A sexta esfera reporta-se à dimensão jurídica, a qual compreende a capacidade das associações ultrapassarem divergências existentes e gerarem estratégias comuns de resolução dos problemas. Por último, apontamos a dimensão capital social que enquadra a capacidade de mobilização das associações, revertendo na confiança que as populações depositam nas instituições.

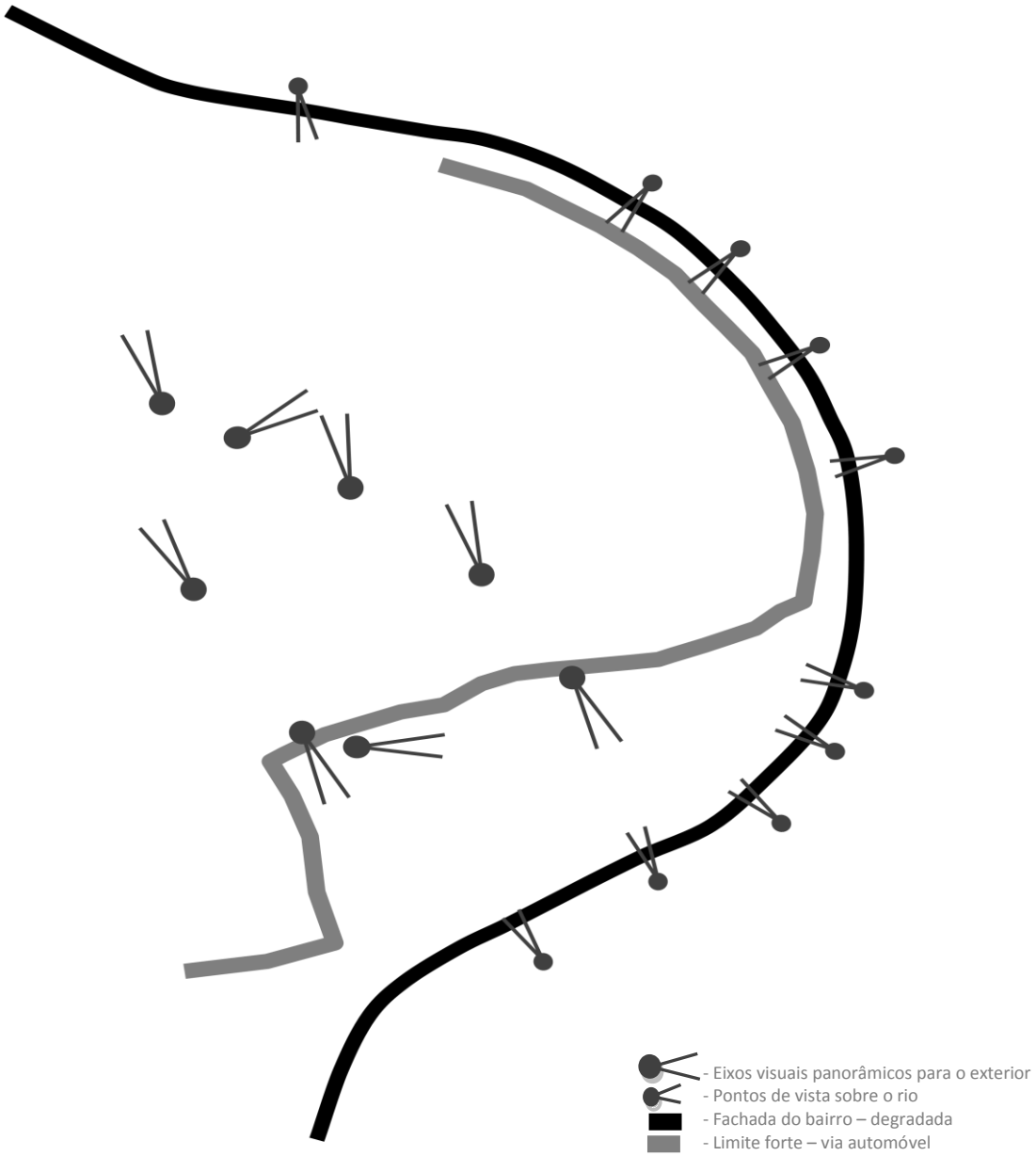
Relativamente aos aspectos negativos, optámos por fazer o mesmo tipo de encadeamento e enquadrá-los em cinco esferas.

Correspondendo à dimensão urbanística, encontramos factores que impulsionam assimetrias sociais e territoriais e que correspondem à elevada densidade ocupacional e a espaços colectivos degradados e desordenados, à deficiente manutenção da rede de esgotos e de água, a redes eléctricas e telefónicas acolhidas de forma descurada, remetendo-nos para uma visão de lugar não urbano. Tudo isto a par da falta de iluminação em alguns pontos do bairro, aliado ainda à deficiente recolha de resíduos provoca um estigma social em relação aos seus habitantes. Esta imagem é também enfatizada pela presença de edificado inacabado ao longo de arruamentos mal definidos e subdimensionados, com acesso precário, sendo de salientar a inexistência de passeios e de estacionamento automóvel, mas também a ausência de espaços verdes. No que se refere às ligações com o exterior, a Cova da Moura tem presente uma estrutura urbana que se contrai e se fecha em si própria, promovendo em alguns pontos a descontinuidade física e visual da relação com a envolvente. Esta realidade potencia actividades ilegais, como o tráfico de estupefacientes, e acarreta todo um universo adjacente de insegurança e violência para o interior do bairro, este problema é aumentado pela insuficiente vigilância policial. Assim, é crivada nos moradores da Cova da Moura uma imagem negativa, de forma indiscriminada, dificultando a inserção no mercado de trabalho, seja ela com alto ou baixo nível de escolaridade, fomentando a estigmatização do bairro na óptica social.

Devido à sua localização, numa elevação, a Cova da Moura tem uma panorâmica, sobre a envolvente, muito abrangente. Os arruamentos do bairro permitem uma permeabilidade visual, impossível na maior parte da sua área devido à compactação do edificado. Este sistema de ruas está construído segundo uma hierarquia, existindo vias de distribuição, vários acessos escondidos e ruas pedonais tortuosas. A ausência de construção em altura a Norte e a Sul do bairro, onde existem os vales onde se situam a linha férrea e o IC19, respectivamente, permite um desafogo na vista em direcção a Lisboa, ao vale de Loures e ao parque de Monsanto. Existem vários pontos de referência, com vistas privilegiadas, dentro do próprio bairro, como é o caso do pátio na Associação Moinho da Juventude e dos miradouros da Escola Primária nº 3. A parte Este do bairro encontra-se totalmente exposta à área envolvente, a Zona 3, separadas fisicamente pela Av. Da República.

Consideramos que deve existir uma maior abertura do bairro da Cova da Moura em relação ao exterior. Isto passar por repensar os perfis das ruas, infra-estruturando-as, e novos espaços públicos. Baseando-nos em dados de um estudo da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, pretendemos demolir alguma habitação precária, em pontos estratégicos, que nos permita um alargamento da rua em zonas cuja visibilidade é mais permeável. Assim os pequenos largos aliados ao sistema de vistas que permite sempre saber onde estamos, desfazendo a imagem labiríntica que caracteriza o bairro, permite um mais fácil e qualificado acesso para os habitantes da envolvente.

Ao explorarmos a Amadora, podemos verificar que este concelho se rendeu ao fenómeno das hortas urbanas.


- Eixos visuais panorâmicos para o exterior
- Pontos de vista sobre o rio
- Fachada do bairro – degradada
- Limite forte – via automóvel

Largos

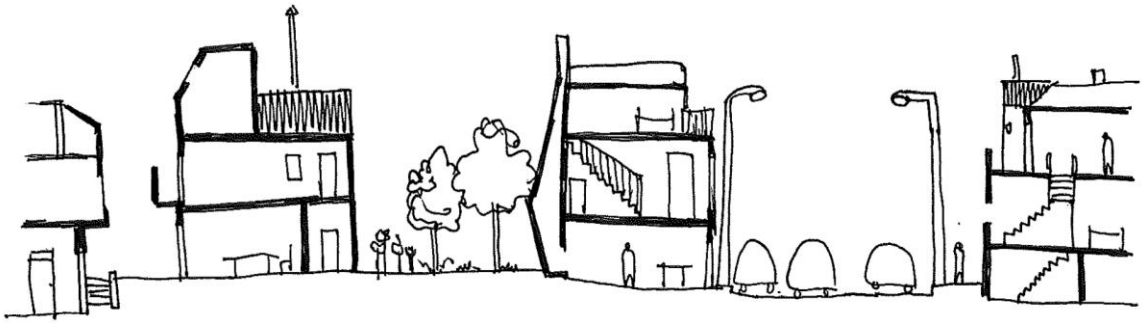
Estas hortas são ilegais, ocupando terrenos pertencentes à Câmara Municipal ou a proprietários privados, e desenvolvem-se em zonas muitas vezes inadequadas à plantação de alimentos. Visto que estas plantações são já um dado adquirido para a população, o que lhes permite um apoio no orçamento familiar, não devem ser ignoradas.

A nossa proposta passa por deslocar algumas destas hortas para zonas mais adequadas, para que existam menos riscos para os consumidores destes alimentos e para que possam ser mais organizadas e incorporadas em parques urbanos. As hortas sendo cuidadas pelos hortelãos tornam-se num espaço agradável, sem necessitar de manutenção por parte da Câmara.

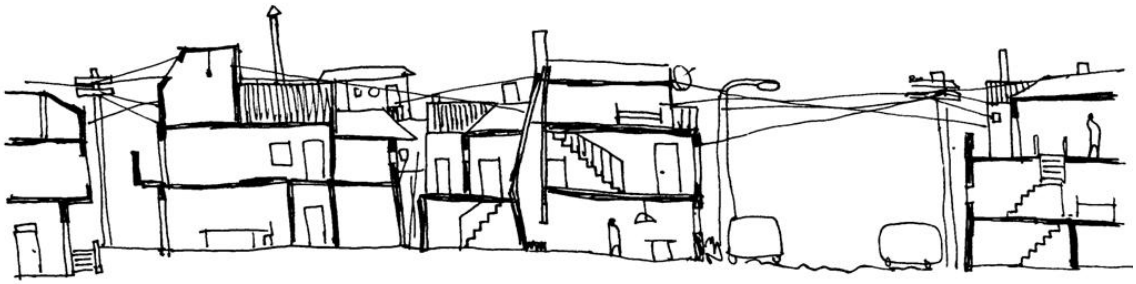
A rua é essencial para a população que habita na Cova da Moura. Os seus moradores vivem muito a rua, desenpenhando esta um papel preponderante nas suas relações sociais. A rua é o único espaço público existente no bairro.

O nosso projecto passa pela abertura do bairro, sendo de vital importância a re-infra-estruturação e a melhoria das condições neste espaço público tão prezado. Esta intervenção visa tratar os perfis de rua, acrescentando passeios, árvores, repavimentando as vias, tornando outras pedonais, regularizando o estacionamento, que se espalha como uma “praga” pelo bairro, melhorando a iluminação pública e instalando as infra-estruturas necessárias como a água, o gás e os esgotos. Toda esta acção permite uma melhoria significativa da qualidade de vida dos seus moradores.

antes



depois



Desenhos realizados por: Frederico Dionísio

A nossa proposta de intervenção para a Cova da Moura engloba uma residência. Esta foi pensada para albergar os imigrantes que chegam em grande quantidade ao bairro. Assim, pretendemos evitar o arrendamento de quartos e partes de casas em condições precárias, para além de ser possível um melhor acompanhamento e uma tentativa de integração, com melhores resultados ,dos seus residentes na comunidade. Além destes factores sociais, a zona onde se localiza esta residência é caracterizada pela sua precariedade habitacional e de tratamento de espaço público. Este projecto visa então qualificar uma zona degradada permitindo, ao mesmo tempo, solucionar um dos problemas sociais existentes do bairro e a criação de uma nova zona de acesso ao mesmo.

Pessoas em trânsito
+
Tradição de aluguer
=RESIDÊNCIA + praça

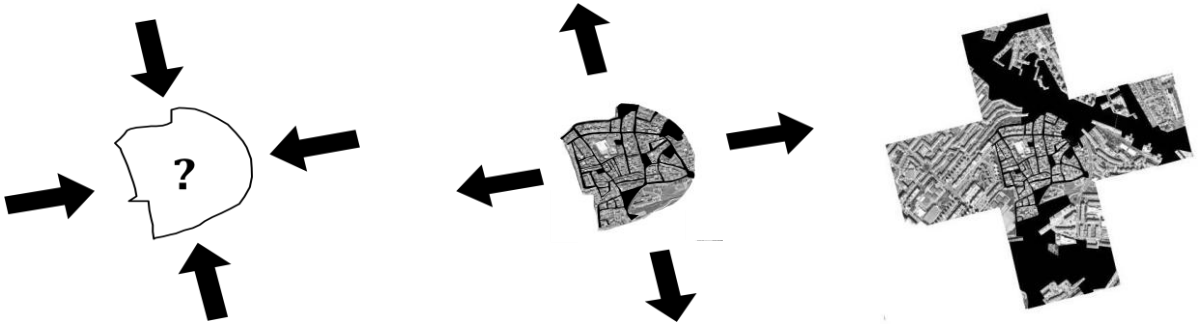
Fotomontagem realizada por: Frederico

ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO

As comunidades fechadas são um sério risco para a sociedade e para a própria cidade. Quer sejam bairros problemáticos ou luxuosos condomínios privados, estas destroem o tecido urbano e a vivência da cidade, onde devem estar presentes todos os extractos sociais.

Quando uma comunidade se encerra sobre si própria, apenas aumenta a tensão e o conflito social com a sua envolvente. A Cova da Moura é um exemplo desta situação.

O objectivo desta proposta é relaccionar o bairro com a sua envolvente através do espaço público constituído por largos e ruas. Acreditamos que um espaço público constituído por largos e ruas. Acreditamos que um espaço público tratado, que não transmita uma situação labiríntica e de clausura, pode reduzir o sentimento de medo ou a estigmatização em relação ao bairro.



VERDES